

É:
Revista
**Ética e
Filosofia Política**

ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137
Número XXV
Volume 1
julho de 2022



LEVINAS - SABEDORIA PARA O AMANHÃ

A ética da alteridade indica a modulação de uma nova subjetividade que diz respeito à concretude da relação com outrem, responsabilidade hiperbólica do para-o-outro, exigência para o amanhã-agora.

Revista do Departamento de Filosofia da
Universidade Federal de Juiz de Fora





UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Marcus Vinicius David – Reitor
Girlene Alves da Silva – Vice-reitora

Instituto de Ciências Humanas
Fernando Perlatto – Diretor
Wagner Batelha – Vice-diretor

Departamento de Filosofia
Nathalie Barbosa de La Cadena – Chefe de Departamento
Pedro Calixto Ferreira – Coordenador do Curso
Eduardo Gross – Coordenador do PPG em Filosofia
Antônio Henrique Campolina Martins – Diretor da Revista

Faculdade de Direito
Luciana Gaspar Melquiades – Diretora
Marcella Alves Mascarenhas Nardelli – Vice-diretora
Vicente Riccio Neto – Coordenador do PPG em Direito e Inovação

É:
**Revista
Ética e
Filosofia Política**

ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

Comissão executiva

Antonio Henrique Campolina Martins – Editor
Marcos Vinicio Chein Feres – Co-Editor
Clinger Cleir Silva Bernardes – Editoração Eletrônica
Camila Fonseca de Oliveira Calderano – Secretário

Conselho Editorial

Antonio Cota Marçal (PUC-MINAS)	Luciano Caldas Camerino (UFJF)
Boghos Levon Zekiyani (Università Ca' Foscari, Venezia)	Luciano Donizetti da Silva (UFJF)
Bruno Amaro Lacerda (UFJF)	Luís Henrique Dreher (UFJF)
Clinger Cleir Silva Bernardes (IFES)	Manoela Roland Carneiro (UFJF)
Débora Mariz (UFMG)	Nathalie Barbosa de La Cadena (UFJF)
Emmanuel Bermon (Université Bordeaux-Montaigne)	Pedro Calixto Ferreira Filho (UFJF)
Fábio Caputo Dalpra (IFSULDEMINAS)	Pedro Henrique Barros Geraldo (Universidade de Montpellier)
Fábio Fortes (UFJF)	Pedro Merluzzi (UNICAMP)
Germán Martínez (Fordham University, NY)	Paulo Afonso Araújo (UFJF)
Gustavo Arja Castañón (UFJF)	Ronaldo Duarte da Silva (UFJF)
Humberto Schubert Coelho (UFJF)	Wolfram Hogrebe (Universidade de Bonn)
Isabelle Bochet (Institut Catholique, Paris)	

Sumário

Editorial

Klinger Scoralick

1

Artigos

Da indiscrição ao pudor: criemos nossos filhos na vergonha da razão

8

Marcelo Fabri

Emmanuel Levinas e Maurice Blanchot: a amizade (nos) permite sobreviver

25

Magali Mendes de Menezes

Pensar outramente o futuro: do desespero de ser em tempos sombrios à sabedoria da esperança messiânica na contemporaneidade

40

Nilo Ribeiro Junior

A partir do tempo e do outro

71

Francesca Nodari

Justiça's: ambiguidades – da justiça à justiça em Emmanuel Lévinas

108

Fernanda Bernardo

La difficile sagesse du politique chez Emmanuel Levinas

144

Sophie Galabru

Um socialismo levinasiano: ou da assinatura ético-socialista da experiência do cativo de Emmanuel Levinas

161

Tiago dos Santos Rodrigues

Por um mundo menos tolerante e mais hospitaleiro

186

Luis Alberto Méndez Gutierrez

How many messiahs, how many alephs? Levinas' talmudic "messianic texts" in three numbers, and André Neher's biblical response

199

Bettina Bergo

Levinas: arte e não transcendência em la réalité et son ombre

225

Leonardo Meirelles

O outro do "quadro referencial teórico" – uma resposta a Lorenz Puntel

235

Fabio Caprio Leite de Castro

Entrevistas

Sabedoria do rosto e linguagem diacrítica da ética levinasiana

265

Nilo Ribeiro Jr

Sobre como descobri Levinas - ânsia de uma orientação filosófica da vida

291

Marcelo Fabri

EDITORIAL

SABEDORIA PARA O AMANHÃ

O pensamento ético de Levinas, que se volta para o *amanhã-agora*, porvir, expõe a ideia de que algo (infinito) se infiltra, de modo subversivo, na ordem das palavras e das coisas, indicando a modulação de uma nova subjetividade que diz respeito à concretude da relação com outrem, *responsabilidade hiperbólica* do para-o-outro. Em *Quatro leituras talmúdicas* Levinas diz sobre essa “infiltração”, que seria um pacto com o bem que antecede a própria distinção e a alternativa do bem e do mal, do qual decorre a sutileza e a complexidade dessa difícil responsabilidade e de seu segredo, recusando-se à universalidade – e que faz alusão à justiça quando pensada “a três” (política). Trata-se de uma responsabilidade marcada por uma involuntariedade radical, que se traduz como *um-para-e-pelo-outro-sem-ter-escolhido-ser-para-e-pelo-outro*; “agir antes de compreender”, “*sim* mais antigo que a espontaneidade ingênua”, “antes do eu-que-se-decide”; significa não “fechar os olhos para o segredo do eu”. Dito de outro modo, essa é a expressão da noção de subjetividade em Levinas – questão central de sua obra – que

possui desdobramentos não apenas éticos, mas também políticos. Para Levinas o infinito se infiltra traumáticamente no núcleo do Eu e desarma sua arbitrariedade ensimesmada, suas tramas solitárias, exigindo resposta e justiça. Nota-se aí um “eu” destituído de si, retirado de seu lugar, de-situado, de-sitiado – em um gesto de saída, mobilidade, insurgência, sob o deslocamento, entre outras coisas, da ideia de liberdade e, sobretudo, da coincidência entre ser e pensar ou do primado da ontologia. O comentário em *Quatro leituras talmúdicas* sobre o “pacto com o bem” faz menção, em última instância, ao assim chamado “outramente que ser”, ao que se descola das conexões com o ser (essência), da trama do idêntico e, por conseguinte, sinaliza para um registro *estranho* no campo da moral e da política, pois toca a incondicionalidade do agir. Encontra-se em Levinas a indicação de uma relação com aquilo que não se vê, prevê ou se antecipa: por-vir; pacto com uma espectralidade que, antes de mais nada, remete ao judaísmo, ao messianismo em um sentido muito específico, sob a marca do ateísmo e da esperança. (Há uma outra temporalidade em jogo, em que o tempo e o outro se pensam juntos, em que tempo *é* outro, outrem, tempo *e* outro). A esse propósito, é preciso lembrar que Levinas em *Totalidade e infinito* cita Rimbault afirmando que *a verdadeira vida está ausente – mas, completa ele, nós estamos no mundo*. A escrita de Levinas posiciona-se contrária a toda ideia de presença e de realização. A verdadeira vida está ausente – assim como o próprio Deus (a que se deve a “honra original”) –, mas nós estamos no mundo, *responsáveis por tudo e por todos*, “responsáveis de Deus”. O deslocamento é radical. Os assim

chamados “responsáveis de Deus”, para mencionar Gide (*Journal II*), ou os únicos, os sobreviventes, como diria Levinas, são aqueles que indicam essa estranha responsabilidade, sem fundamento, sem origem, anárquica; desprovida de um lugar; “sem socorros”; acontecimento, porvir (amanhã-agora). A isso se refere a sabedoria da diáspora, do êxodo, do estrangeirismo, do deserto: travessia. Nesses termos, a obra de Levinas sugere um abalo (sempre mais antigo – imemorial – que o próprio gesto de firmar toda e qualquer base, estrutura ou alicerce) que desfaz-queimando o “lugar” (o “onde” e o “aonde”), a casa, o familiar, o sagrado e toda possibilidade do retorno que nisso se inscreve – trama da resistência à ontologia, da qual se ocupa todo o percurso do “outramente que ser” em Levinas, cuja inspiração está em Abraão, em sua trama de fecundidade-política. Abraão é, ele mesmo, e toda sua “espiritualidade” do “sem retorno”, a expressão da in-condição desse pensamento “nômade” – do amanhã – que se impõe como transcendência ou mobilização, sob abalo, profanação – “consciência judaica”, que confronta o sagrado pois o mistério das coisas é a fonte de toda crueldade aos homens, como comenta Levinas em *Difícil liberdade*. É preciso a partir de Levinas destruir os bosques sagrados (imersos em seu paganismo), vandalizar aquilo que em *nome de um mistério*, de uma comunhão mística – ou mítica – torna-se abertura e precedente para o assassinato e toda sorte de violência – e o enraizamento dessa possibilidade para Levinas habita a ordem do ser, “o encadeamento mais radical, o mais irremissível, o fato de que o eu é si-mesmo”, como se lê em *Da evasão*. Nesses termos, a trama insurgente do infinito torna-se

a quebra da ordem do idêntico, âmbito do sagrado, das salvações religiosas, dos deuses domésticos, da primazia do lugar, da terra – e que pode se desdobrar, sob a condição da política, em um jogo em que a palavra perde a palavra, onde a mobilidade se torna proibida e o gesto de oferecer alimento para quem tem fome – ou combater a fome – passa a não mais ocupar o gesto último de toda espiritualidade. *A sabedoria para o amanhã* se faz sobre os passos dessa herança em que o outro vem sempre em primeiro lugar, *après vous*. Primeiro você! – amanhã-agora.

Esta edição dedicada ao pensamento de Emmanuel Levinas e à sabedoria que dele se dissemina é um convite para refletirmos sobre a indiscrição sem limites do “homem ocidental”, envolto em sua compulsão pelo desejo de dominar. A partir de Levinas é possível nos situarmos para além da aventura em torno de si e pensar, por conseguinte, caminhos que podem nos levar “Da indiscrição ao pudor” para que “criemos nossos filhos na vergonha da razão”, como nos aponta Marcelo Fabri em sua instigante e urgente reflexão que abre nosso dossiê. A sensibilidade ética que pode se fazer pensar a partir do pudor encontra, também, inspiração e espaço para se mostrar por meio da amizade. É assim que podemos ler no texto de Magali Mendes de Menezes, que aparece na sequência, e que nos coloca diante dos (des)encontros entre “Emmanuel Levinas e Maurice Blanchot” que foram permeados e costurados pela linguagem da amizade, indicando que “A amizade (nos) permite sobreviver”. Trata-se, podemos dizer, de uma linguagem da esperança, tal como nos apresenta Nilo Ribeiro Jr em seu texto

intitulado “Pensar *outramente* o futuro: do desespero de ser em tempos sombrios à sabedoria da esperança messiânica na contemporaneidade”. Encontra-se aí em destaque a descrição de uma temporalidade sob a exposição da alteridade e sustentada pela questão da esperança, sabedoria por-*vir*, diversa daquela que se expressa no desespero de ser. Na sequência, o texto de Francesca Nodari faz tocar temas muito próximos a estes sob uma leitura atenta de *O tempo e o outro* em que a solidão e a indiferença se veem confrontadas com a alteridade, tempo que se leva a sério. O texto se faz compor pelo “posfácio” da edição italiana desta obra, *Il tempo e l’altro* (Mimesis, 2021), intitulado “Da solidão ao instante”. “A partir do tempo e do outro” descreve-se o acontecimento de uma nova subjetividade *em questão*, responsável e, portanto, desenclausurada. Embora a responsabilidade seja a voz que atravesse o discurso em Levinas isso não se o faz sem ambiguidades, como nos mostra Fernanda Bernardo no texto subsequente, sobretudo em meio à trama do terceiro. Em seu “Justiça’s: ambiguidades – da justiça à justiça em Emmanuel Lévinas” Fernanda Bernardo nos coloca diante do timbre da justiça na obra de Levinas enunciando as razões filosóficas que atestam sua ambiguidade e o modo próprio de sua modulação, permitindo evidenciar a dimensão hiperbólica de seu pensamento. O texto a seguir, de Sophie Galabru, faz sustentar o olhar sobre a tensão quanto ao tema do terceiro, pois aborda “La difficile sagesse du politique chez Emmanuel Levinas”. Articulando a ética e o político, Sophie Galabru busca indicar o modo da sabedoria política em Levinas. Adiante, a política também é o escopo do texto de Tiago dos

Santos Rodrigues intitulado “Um socialismo levinasiano: ou da assinatura ético-socialista da experiência do cativo de Emmanuel Levinas”. A partir de uma leitura que atravessa os *Cadernos do cativo* e em que se menciona a presença nestes textos de uma assinatura ético-socialista, sustenta-se que a filosofia de Levinas é concebida desde uma perspectiva socialista. Logo a seguir, Luis Alberto Méndez Gutierrez nos convida a uma reflexão “Por um mundo menos tolerante e mais hospitaleiro”, em que a hospitalidade passa a ser pensada de modo incondicional pela trama do acolhimento que desloca a questão da tolerância sempre frágil, incapaz de suportar o enfrentamento ao estrangeiro. Um passo adiante e temos o texto de Bettina Bergo, intitulado “How many Messiahs, how many alephs? Levinas’ talmudic ‘messianic texts’ in three numbers, and André Neher’s biblical response”. Neste texto Bettina Bergo se volta para uma leitura talmúdica de Levinas, de seus “Textos messiânicos” que aparecem acrescidos de um comentário de André Neher. Em continuidade temos o texto “Levinas: arte e não transcendência em *La réalité et son ombre*”, de Leonardo Meirelles, em que se discute o valor da arte como possibilidade de transcendência. E para encerrar a seção de artigos, temos o texto de Fabio Caprio Leite de Castro, “O outro do “quadro referencial teórico” – uma resposta a Lorenz Puntel”, em que se oferece uma resposta crítica a Puntel, para o qual o outro não ocupa nem mesmo um lugar no quadro referencial teórico. Seguidamente, e por fim, temos a alegria de contar com duas entrevistas, que foram realizadas durante o segundo

semestre de 2021, com os professores Marcelo Fabri e Nilo Ribeiro Jr.

Por último, e para encerramos este expediente, gostaria de agradecer a todos e todas, colegas e amigos/as que tornaram possível a realização deste dossiê que é dedicado ao pensamento do filósofo Emmanuel Levinas. Meus agradecimentos a todos vocês que enviaram seus textos e se empenharam para tornar possível a realização desta edição, Neste sentido, destaco meu muito obrigado à professora Francesca Nodari por obter a autorização para a publicação de seu texto e por autorizar-nos a sua tradução. Destaco também toda minha gratidão aos professores Nilo Ribeiro Jr e Marcelo Fabri, que gentilmente acolheram meu pedido de entrevista presenteando-nos a todos com suas palavras sob outro enquadramento. Para concluir, em definitivo, e de modo muitíssimo especial, meus agradecimentos ao professor Antônio Henrique Campolina Martins, editor da revista *Ética e Filosofia Política*, pela oportunidade de levar adiante a organização deste volume, pela confiança, paciência e amizade de sempre.

Klinger Scoralick
Organizador